

CATULO  
O ROMÂNTICO DO PERÍODO CLÁSSICO  
DAS LETRAS LATINAS

Valéria Marta Ribeiro Soares (UEFS)  
lelasoares@oi.com.br

**Uma vida breve, que foi toda  
uma fogueira de paixão e canto.**

**(Rostagni)**

Caius Valerius Catullus (87 ou 84-57 ou 54 a.C), poeta veronense lírico latino, integrado ao grupo dos *poetae novi* – poetas novos –, era de família proeminente, na sociedade romana. Respeitando a distância temporal e espacial, pode-se afirmar que foi um “amante à moda antiga” e, semelhante aos românticos brasileiros, cantou lírica e eroticamente à mulher amada.

No Romantismo brasileiro, tivemos três gerações: a ufanista, simbolizada principalmente por Gonçalves Dias; a byroniana, lembrada por Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu e a condoreira, representada por Castro Alves e Sousândrade. Portanto, tivemos autores que valorizaram, em sua obra poética, a pátria, a morte, a liberdade e, principalmente, a mulher amada. Vê-se em Catullus, como predominante, o canto à mulher amada.

Segundo Rômulo Augusto de Souza (s.d., p. 164), Catullus ou, apertuguesadamente, Catulo:

(...)

Além de enriquecer a literatura com grande número de ritmos novos, deu à língua latina elegância, graça e agilidade. Poeta erudito e comovedor, artista refinado, Catulo exerceu sobre a literatura latina extensa influência, anunciando já os grandes poetas do tempo de Augusto.

E, ainda, acrescenta:

(...) Natureza individualmente rica e original, Catulo bem pode ser considerado um “romântico de 2000 anos atrás”. Talvez disso decorra a sua larga influência no romantismo português. (...)

Em Paratore (1983, p. 324), observa-se também a preocupação em evidenciar o lado romântico do poeta de Verona:

(...) a vida de Catulo, o primeiro poeta de amor da latinidade, é ao mesmo tempo a mais romântica, a mais exemplar entre as muitas vidas amorosas iluminadas pela poesia. (...)

Catullus veio jovem estudar em Roma e encontrou um clima propício para uma vida boêmia. Havia muita luta política no momento em que ele esteve lá e existia uma geração de jovens descontentes tanto com a política quanto com a arte literária da época – os chamados pejorativamente de *poetae novi* pelos literatos famosos e de prestígio, como Marcus Tullius Cicero, conhecido advogado, filósofo, político e orador.

A família de Catullus, natural de Verona, situada na Gália Cisalpina, hospedou, algumas vezes, Caius Julius Caesar em sua vila. Ao chegar a Roma, Catullus frequentou os meios literários, em que circulavam, Cícero, César, Cornélio Nepos, Licínio Calvo, Cina, Lucrecio, entre outros. Conhecer figuras célebres, não o impedia de criticá-los abertamente em seus poemas, quando este achava necessário. Defendia a liberdade de expressão. O dístico que segue desdenha da figura de Caesar e a tradução é proposta por Lauro Mistura em *Poesia lírica latina*:

Nil nimium studeo, Caesar, tibi uelle placere,  
nec scire utrum sis albus an ater homo. (p. 34)

Não me interesso, César, em te querer agradar,  
muito menos em saber se és alguém branco ou preto. (p. 35)

É importante salientar que os poemas de Catullus e suas respectivas traduções foram extraídas do livro *Poesia Lírica Latina*. O tradutor dos poemas catulianos foi Lauro Mistura.

Catullus apresenta poemas de inspiração erudita, que imitam a escola alexandrina e pequenas composições de inspiração pessoal, subdivididas em amorosas, familiares e sociais. As composições amorosas são as que mais interessam para o presente trabalho.

Pela biografia do autor, sabe-se que ele se envolveu passionalmente por Clódia, dama romana, irmã de Clódio Pulcher, tribuno popular e inimigo de Cícero. Como o decoro artístico não permitia revelar seu nome verdadeiro, deu-lhe, como pseudônimo, o nome de Lésbia, designação que é explicada, assim, por Paratore (1983, p. 324):

(...) Catulo, que sentia o amor com o mesmo abandono total de Safo, quis transformar o nome da sua amada numa forma que fizesse recordar a poetisa de Lesbos e, ao mesmo tempo, a proverbial beleza das mulheres lésbicas (...)

Historicamente, os estudiosos não pintam Clódia como uma mulher de hábitos louváveis. Pintam-na sempre como lasciva, falsa e mun-

dana. Em Souza (s.d., p.160), encontra-se uma descrição fria, negativa, dessa que foi a musa catuliana:

Lésbia, cujo nome verdadeiro é Clódia, era mulher bela, mas dissoluta e volúvel, acusada de ser amante do próprio irmão e de haver envenenado o marido Quintus Metellus Celere, procônsul da Transpadânia.

Houve vários tons na poesia dedicada à sua musa: tons de amor, paixão, lamento, reconciliação, ciúme, revolta, até a despedida final, quando Catullus percebe que não é correspondido à altura do seu sentimento, quando nota que Clódia jamais será fiel ao relacionamento. Observemos, primeiramente, o momento de entrega intensa do eu lírico ao ente amado:

5

Viuamos, mea Lesbia, atque amemus,  
rumoresque senum seueriorum  
omnes unius aestimemus assis.  
Soles occidere et redire possunt;  
nobis cum semel occidit breuis lux,  
nox est perpetua una dormienda.  
Da mi basia mille, deinde centum,  
dein mille altera, dein secunda centum,  
deinde usque altera mille, deinde centum.  
Dein, cum milia multa fecerimus,  
conturbabimus illa, ne sciamus,  
Aut ne quis malus inuidere possit,  
cum tantum sciat esse basiorum. (p. 6)

Vivamos, minha Lésbia, amemo-nos,  
E a todas as censuras de velhos  
demasiadamente austeros  
demos o valor de um único asse.  
Os sóis podem se pôr e retornar;  
quando porém numa única vez a breve luz  
de nossas vidas desaparece no ocaso,  
somos obrigados a dormir uma noite sem fim.  
Dá-me mil beijos, depois cem,  
a seguir outros mil e mais cem  
e depois ininterruptamente outros mil e mais cem  
A seguir, depois que tivermos trocado  
estes muitos milhares de beijos,  
alteraremos a soma deles para que  
não saibamos quantos foram ou  
para que nenhum invejoso possa nos  
lançar um mau-olhado quando souber  
exatamente o número destes beijos. (p. 7)

Note-se a coloquialidade do autor latino, quando compara a crítica dos velhos tradicionais para seu comportamento amoroso ao valor de um asse (*omnes unius aestimemus assis*), moeda da época, de pouco valor monetário. Observem-se a imagem da morte na expressão *dormir uma noite sem fim* (*nox est perpetua una dormienda*) e o uso da gradação na quantidade de beijos que deseja dar na amada e ocultar aos invejosos.

Apaixonado, Catullus não vê mulher alguma que se compare em formosura com a sua Lésbia, porque nela para ele estão somados os encantos físicos e os encantos interiores. Na comparação com a bela Quíncia, Lésbia ganha na predileção do poeta:

86

Quintia formosa est multis, mihi candida, longa,  
recta est. Haec ego sic singula confiteor,  
totum illud “formosa” nego; nam nulla venustas,  
nulla in tam magno est corpore mica salis,  
Lesbia formosa est, quae cum pulcherrima tota est,  
tum omnibus una omnis subripuit ueneres. (p. 32)

Para muitos Quíncia é formosa,  
para mim é de pele bem alva, esguia e esbelta.  
Reconheço que possui cada uma destas qualidades,  
nego que todas elas juntas a façam formosa,  
Pois nenhuma graciosidade, nenhum pequenino grão de sal  
existe neste corpo tão perfeito.  
Lésbia é formosa não só porque é inteiramente belíssima,  
mas porque de todos arrebatou sozinha todos os encantos. (p. 33)

Sabe-se que a paixão humana tem momentos de contradição: de felicidade e tristeza, ternura e agressividade, amor e ódio. Nestes momentos, o eu lírico não entende a si mesmo e se mortifica com isso, como nestes conhecidos versos catulianos:

85

Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.  
Nescio, sed fieri sentio et excrucior. (p. 32)

Odeio e amo. Talvez tu me perguntes por que procedo assim.  
Não sei, mas sinto isto dentro de mim e me angustio. (p. 33)

Descrente já das promessas de fidelidade de Clódia, Catullus escreve linhas queixosas, comparando as promessas femininas ao vento e à água corrente (*in vento et rapida scribere oportet aqua*). Examine-se a presença de Júpiter, o deus pagão incorporado à vida romana, num poema da antiguidade clássica, sendo subjugado ao amor de mortais:

Nulli se dicit mulier mea nubere malle  
quam mihi, non si se Iupiter ipse petat.  
Dicit; sed mulier cupido quod dicit amanti  
in vento et rapida scribere oportet aqua. (p. 24)

Minha mulher diz que não prefere  
deitar-se com ninguém a não ser comigo,  
mesmo que o próprio Júpiter o peça.  
Diz. Mas o que a mulher diz  
Ao amante apaixonado é preciso que  
se escreva no vento e numa água  
que rápida se move. (p. 25)

Aconteceram reconciliações entre o casal, entretanto, cada vez mais, Catullus desconfiava das promessas de amor e fidelidade de Clódia. Solicita aos deuses que ela esteja falando sinceramente e com o coração sobre a afeição entre os dois (Dei magni, facite ut uere promittere possit,/atque id sincere dicat et ex animo):

Iocundum, mea uita, mihi proponis amorem  
hunc nostrum inter nos perpetuumque fore.  
Dei magni, facite ut uere promittere possit,  
atque id sincere dicat et ex animo,  
ut liceat nobis tota perducere uita  
aeternum hoc sanctae foedus amicitiae. (p. 38)

Tu, minha vida, me asseguras que este nosso  
mútuo amor será todo delícias e imperecível,  
Poderosos Deuses, fazei que ela possa prometer  
isto sem dissimulação e que o diga com sinceridade  
e com toda a alma para que nos seja possível  
prolongar durante toda nossa vida  
este sagrado compromisso de eterna afeição. (p. 39)

Tantas foram as idas e vindas do relacionamento amoroso e pessoal entre Catullus e Clódia, que terminaram por romper definitivamente após quatro anos de sentimentos intensos e tensos. Pouco tempo depois, o poeta resolve voltar à terra natal e também visitar o túmulo do seu irmão e lá falece com aproximadamente trinta anos (lembrando o mal-do-século dos nossos românticos) Acerca destes fatos, Souza (s.d., p. 160 e 161) afirma:

(...) cerca de quatro anos duraram essas ligações com Lésbia, caracterizadas por alternativas de brigas e reconciliações que excitam ora os lamentos e os gritos de desespero, ora os protestos de ternura e admiração que, por fim, resolve tomar uma deliberação de afastar-se, definitivamente, da mulher que

Ihe havia suscitado tão grande paixão, cantada com o fogo, a sinceridade e a eloquência de um trágico e imortal romance (...)

Acompanhando o magistrado Caius Memmius até a Bitúnia, na Ásia Menor, aproveitou para visitar o túmulo do irmão, fato que é objeto de um de seus belos poemas. Também buscou, na viagem, melhorar financeiramente e esquecer sua paixão. Morre em terra natal, provavelmente do mesmo mal do peito que seu irmão. O poema que segue trata da morte do irmão e, em seus versos, percebem-se a valorização da pátria e o escapismo, novamente aspectos tratados no Romantismo brasileiro:

101

Multas per gentes et multa per aequora uectus  
aduenio has miseris, frater, ad inferias,  
ut te prostremo donarem munere mortis  
et mutam nequiquam alloquerer cinerem,  
quandoquidem fortuna mihi tete abstulit ipsum,  
heu miser, indigne frater adempte mihi.  
Nunc tamen interea haec prisco quae more parentum  
tradita sunt tristi munere ad inferias,  
accipe fraterno multum manantia fletu,  
atque in perpetuam, frater, aue atque uale. (p. 36)

Ceguei, irmão, a estas tristes cerimônias fúnebres,  
depois de atravessar muitas nações e muitos mares,  
para te ofertar em sacrifício as últimas dádivas devidas aos mortos  
e para me dirigir em vão a estas tuas mudas cinzas,  
pois o destino separou-me precisamente de ti,  
Ai meu pobre irmão, imerecidamente arrebatado de mim  
pela morte. Mas neste momento recebe estas oferendas  
que segundo o ritual de meus antepassados  
eu te ofereci como as tristes dádivas para estas cerimônias fúnebres.  
Elas estão inteiramente regadas pelas lágrimas fraternas.  
Para todo o sempre, irmão, salve e adeus. (p. 37)

Pela vida amorosa e intensa que teve com Clódia, vê-se que as composições de inspiração pessoal são a parte mais importante da obra catuliana. Catullus é, inegavelmente, o poeta lírico de grande prestígio na época de Caesar, que ajudou a implantar o lirismo em terras romanas. Pelos temas passionais de amor e morte, lembra claramente os românticos brasileiros.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Das letras latinas às luso-brasileiras*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1984.

*ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA*

MAGNE, Augusto. *Literatura latina*. São Paulo: Anchieta, 1946.

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza (Orgs.). *Poesia lírica latina*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

SOUZA, Rômulo Augusto de. *Manual de história da literatura latina*. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, [s. d.].